



**ESCOLA DE SAÚDE E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO**

**1º Ten Al QCO ARTHUR DA ROCHA MACHADO**  
**1º Ten Al QCO DÉBORA RENATA DE FREITAS BRAGA**  
**1º Ten Al QCO MATHEUS GUNAR RAMALHO GOMES**  
**1º Ten Al QCO MANOEL FERNANDO DOS REIS**  
**1º Ten Al QCO THAMYRES MOREIRA LEAL**

**A CONSTRUÇÃO DO HERÓI BRASILEIRO NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

**SALVADOR**  
**2024**

# ESCOLA DE SAÚDE E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO

1º Ten AI QCO ARTHUR DA ROCHA MACHADO  
1º Ten AI QCO DÉBORA RENATA DE FREITAS BRAGA  
1º Ten AI QCO MATHEUS GUNAR RAMALHO GOMES  
1º Ten AI QCO MANOEL FERNANDO DOS REIS  
1º Ten AI QCO THAMYRES MOREIRA LEAL



## A CONSTRUÇÃO DO HERÓI BRASILEIRO NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército como requisito parcial para a obtenção do grau de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares

Orientador: **Maj** Claudio Henrique Sá e  
Guimarães **Barroso Magno**

SALVADOR

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE

ESCOLA DE SAÚDE E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO

A construção do herói brasileiro na 2ª Guerra Mundial// Arthur da Rocha Machado... [et al.]. - Salvador, 2024.  
26 f. : 27,9 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização).- Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército, Salvador, 2024.  
Orientador: Maj Claudio Henrique Sá e Guimarães Barroso Magno.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. FEB. 3. Exército Brasileiro. 4. Praças  
I. Machado, Arthur da Rocha. II. Título.

CDD 940.53

**1° Ten AI QCO ARTHUR DA ROCHA MACHADO**  
**1° Ten AI QCO DÉBORA RENATA DE FREITAS BRAGA**  
**1° Ten AI QCO MATHEUS GUNAR RAMALHO GOMES**  
**1° Ten AI QCO MANOEL FERNANDO DOS REIS**  
**1° Ten AI QCO THAMYRES MOREIRA LEAL**

## **A CONSTRUÇÃO DO HERÓI BRASILEIRO NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Saúde e  
Formação Complementar do Exército  
como requisito parcial para a obtenção  
do grau de especialização em  
Aplicações Complementares às  
Ciências Militares

Aprovado em 01/10/2024

### COMISSÃO DE AVALIAÇÃO



**CLAUDIO HENRIQUE SÁ E GUIMARÃES BARROSO MAGNO – Maj**

Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército

Presidente

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

**RODRIGO FLORIDO BRUM**

Data: 01/10/2024 16:38:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**RODRIGO FLORIDO BRUM – Cap**

Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército

Membro



**DOUGLAS ANTÔNIO DA SILVA – 1° Ten**

Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército

Membro

## RESUMO

Ao verificar a documentação disponível em arquivos militares e civis brasileiros, nota-se a fabricação de figuras icônicas, caracterizadas como heróis nacionais. Devido à ruptura da ideia de que a História deve ser contada da perspectiva dos grandes feitos, hoje há um crescente protagonismo do homem comum e, neste contexto, urge a necessidade de resgate da memória das praças na construção da história militar brasileira. Dos poucos registros fotográficos que restaram no pós- guerra, alguns retratam soldados brasileiros, porém, pouco se sabe a respeito deles. É salutar, portanto, discutir os valores que podem ser apreendidos de suas histórias, as quais permanecem, muitas vezes, no esquecimento. Objetiva-se, por meio do presente trabalho, problematizar a respeito de cinco fotografias que retratam as praças brasileiras que atuaram na FEB. A fabricação do heroísmo da praça brasileira na narrativa histórica a respeito da 2ª Guerra Mundial possui uma faceta diferente da tradicional, que aqui será defendida como a faceta do paradoxo, do “jeitinho brasileiro”: a presença do sorriso em meio à guerra, e a aparente leveza com que foi retratado o soldado brasileiro da FEB nas fotografias analisadas, que traduzem a particularidade do humor como estratégia de enfrentamento das adversidades.

**Palavras-chave:** Praças da FEB. Fotografias. Construção do Herói Nacional. Jeitinho Brasileiro.

## ABSTRACT

There is a growing protagonism of the common man in the historical discourse and there is an urgent need to rescue the memory of the enlisted in the construction of Brazilian military history. Of the few photographic records that remain after the war, some portray Brazilian soldiers, however, little is known about them, so it is salutary to discuss the values that can be learned from their stories, which often remain forgotten. The objective is to problematize about five photographs that portray the Brazilian enlisted that worked at FEB, including as an instrument of analysis the history book adopted in some military schools, given the even greater emphasis that should be given to this subject in the referred educational establishment, which has, among many of its attributions, the mission of awakening the desire to be military in the student. The fabrication of the heroism of the Brazilian enlisted in the historical narrative about World War II has a different facet from the traditional one, which here will be defended as the facet of the paradox, of the "Brazilian way": the presence of the smile in the midst of the war, and the apparent lightness with which the Brazilian soldier of FEB was portrayed in the analyzed photographs, which translate the particularity of humor as a strategy for facing adversity.

**Keywords:** Enlisted of FEB. Photographs. Construction of the National Hero. Brazilian Way.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1 NOVAS PERSPECTIVAS A RESPEITO DA HISTÓRIA.....	10
2.2 A CONFIGURAÇÃO DOS HERÓIS NACIONAIS.....	12
2.3 O JEITINHO BRASILEIRO: O PARADOXO DO SOLDADO EM MEIO À GUERRA.....	14
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO.....	15
3.2 AMOSTRA.....	16
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	16
<b>3.3.1 Procedimentos para revisão da literatura.....</b>	<b>16</b>
<b>3.3.2 Procedimentos Metodológicos.....</b>	<b>16</b>
<b>3.3.3 Instrumentos.....</b>	<b>17</b>
<b>3.3.4 Análise dos Dados.....</b>	<b>17</b>
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Será que a História deve ser narrada levando em conta apenas grandes feitos de grandes homens? De que maneira o professor pode romper a ideia, entre os discentes, de que o discurso histórico não dá espaço para pessoas comuns, para subjetividades e particularidades, a fim de que os jovens possam finalmente identificar-se como sujeitos históricos?

Tal questionamento cresce de importância quando se pensa no discurso oficial acerca da participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, especificamente no que tange à atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Oitenta anos depois, o legado que a FEB deixou é indiscutível.

Há vários estudos a respeito dos feitos do Aspirante Mega e do Sargento Max Wolff Filho, figuras de notório prestígio pelos valores demonstrados durante a atuação do Brasil no teatro de operações na Itália. A bravura desses militares foi o ensejo para diversas publicações, inclusive dois dos três volumes dos Cadernos de Liderança (<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CLM>), bem como diversos monumentos. Há, inclusive, a Medalha Sargento Max Wolff Filho, instituída pelo Decreto nº 7.118, de 25 de fevereiro de 2010, destinada a premiar subtenentes e sargentos que se destacam pela dedicação e desempenho profissional.

É comum que, ao se pensar na atuação da FEB, utilize-se o termo “pracinhas”, alcunha de caráter afetivo associada aos soldados que pelejaram em nome da nação. Dos poucos registros fotográficos que restaram no pós-guerra, alguns retratam soldados brasileiros, porém, pouco se sabe a respeito deles, e as informações que existem estão dispersas. Tais soldados ficaram eternizados nessas fotografias, e é interessante discutir como os livros de História, por exemplo, abordam essas figuras heroicas, porém silenciadas no discurso oficial. Diante dessa conjuntura, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Que valores e histórias podem ser apreendidos por meio do resgate da memória das praças que atuaram na FEB, cujas experiências permanecem, muitas vezes, no esquecimento?

O objetivo deste trabalho, portanto, é problematizar a respeito das representações das praças brasileiras que atuaram na FEB, contidas em registros fotográficos, a fim de revigorar a memória e os valores associados aos soldados, contribuindo para a construção da história militar brasileira no pós-guerra. Com a finalidade de delimitar e alcançar o desfecho esperado para o objetivo geral, foram levantados objetivos específicos que conduziram à



consecução do objetivo deste estudo, os quais são transcritos a seguir: 1) Interpretar a construção dos arquétipos de heróis nacionais na história militar brasileira, especificamente no que tange à criação dos ícones da 2ª Guerra Mundial; 2) Analisar como se disseminaram as imagens dos soldados que atuaram na FEB e o paradoxo do “jeitinho brasileiro” em meio à guerra; 3) Discutir a relação entre a nova perspectiva histórica vigente (micro-história, história dos vencidos) e a necessidade de resgate da memória das praças brasileiras da FEB.

Ao verificar a documentação disponível em arquivos militares e civis brasileiros, a saber, arquivos digitais, nota-se a fabricação de figuras icônicas, caracterizadas como heróis nacionais, como o Aspirante Mega e o Sargento Max Wolff Filho. O Aspirante Mega atuou em Montese, uma das batalhas mais sangrentas, onde “foi ferido mortalmente diante do pelotão que comandava e infatigavelmente impulsionava, fazendo com que seus liderados, mesmo mortos de medo, prosseguissem na linha de frente, replicando a coragem e a valentia de seu comandante” (FERREIRA, 2023, p. 27).

Já o Sargento Max Wolff Filho era reconhecidamente um militar com variadas qualidades e elevada capacidade de liderança direta, pois, ao conduzir os soldados por terrenos desconhecidos, muitas vezes repletos de minas, “elevou grandemente o moral dos homens de seu batalhão, a ponto de não faltarem voluntários para essas ações, antes descritas como suicidas” (MACHADO, 2022, p. 41).

No entanto, para além desses heróis consagrados, sobre os quais não faltam material de pesquisa, as mais de 25.000 “pracinhas” que atuaram na FEB também merecem destaque, como agentes do processo histórico. Como “lugares de memória”, conforme conceitua Pierre Nora, as fotografias são um documento de valor para se investigar como se deu o processo de construção do discurso sobre a praça brasileira na narrativa histórica a respeito da 2ª Guerra Mundial, a qual possui uma faceta diferente da tradicional, que aqui será defendida como a faceta do paradoxo, conforme será explanado posteriormente.

Os autores deste trabalho, da área de magistério, pretendem refletir sobre a responsabilidade do professor (não se detendo apenas no professor de História) ao transmitir os valores inerentes a esses militares para uma geração de jovens que se caracteriza por ser autocentrada, conectada e motivada, principalmente, pela cultura da imagem, daí a relevância de eleger como material de investigação os registros fotográficos da FEB.

Segundo Fonseca (2003), os jovens não se identificam facilmente com figuras heroicas ditas tradicionais, como autoridades, personas políticas ou mártires, daí a necessidade de se pensar, inclusive, no discurso contido em livros didáticos, uma vez que “as tramas da história não podem ser entendidas como sendo dependentes do destino de poucos, de façanhas ou vontades individuais de lideranças, em que pouco se destaca a dimensão coletiva” (DOURADO; RIBEIRO, 2022, p. 3).

Sendo assim, este estudo se justifica pelo crescente protagonismo do homem comum no discurso histórico, pela necessidade de resgate da memória das praças na construção da história militar brasileira e pelo paradoxo que persistiu na figuração do brasileiro da FEB: aquele que consegue sorrir em meio à guerra, quebrando a perspectiva do herói tradicional.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 NOVAS PERSPECTIVAS A RESPEITO DA HISTÓRIA**

O historiador francês Pierre Nora defende que a história, particularmente a história nacional, “constituiu a mais forte de nossas tradições coletivas; nosso meio de memória, por excelência. [...] Toda a tradição histórica desenvolveu-se como exercício regulado da memória e seu aprofundamento espontâneo, a reconstituição de um passado sem lacuna e sem falha” (1993, p. 10). Walter Benjamin, em suas *Teses sobre o conceito de história*, faz a analogia do quebra-cabeças, cujas peças devem encaixar-se para formar um todo coerente, rompendo a ideia de que é possível recuperar um passado tal qual ele se constituiu. Desta maneira, cresce de importância a história contada a partir de fragmentos de memória, não com a intenção de dar conta do todo do passado, e sim de apresentar pontos de vista que outrora não haviam sido considerados no discurso do historiador.

Sabe-se que é impossível que a história seja narrada a partir do ponto de vista de cada indivíduo envolvido em determinado fato, porém, nada impede que o olhar do pesquisador possa notar a singularidade e relevância de cada peça em particular, quando o acesso a ela for possível. O princípio da montagem pode ser aplicado à História, ou seja, “erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o

cristal do acontecimento total” (BENJAMIN, 2007, p. 503). Não se trata de elaborar outra verdade do passado, uma vez que este já se encerra no discurso da história, e sim revelar o que foi esquecido, focar na perspectiva humana, a “luta para tirar do silêncio um passado que a história oficial não conta” (GAGNEBIN, 2018, p. 60).

Reativar as histórias dos soldados da FEB, utilizando-se das fotografias como suporte e objeto, é perceber que a memória, embora não possa ser revivida ou mesmo recuperada na sua integridade, “não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória” (NORA, 1993, p. 18).

Os homens-memória, quando não têm a intenção de articular um testemunho ou uma biografia, escapam à tentação da censura de fatos mais aprazíveis, ordenando-os conforme seu gosto e seu critério com a finalidade de articular uma imagem de si que seja melhor aceita; ou mesmo não se furtam à busca de uma utópica verdade: são memória simplesmente por serem quem foram no Teatro da História, sem a prerrogativa da construção de um personagem. Para isso, sua performance ocorrerá em um tempo e um espaço definidos também historicamente, o que nada mais é do que o tão falado “contexto”, cuja análise é sempre enfatizada pelos professores. Essa definição no tempo e no espaço materializa os “lugares de memória”.

Para Pierre Nora, lugares de memória são espaços “onde a memória se cristaliza e se refugia”, dentro dos quais convergem três dimensões: a material, a simbólica e a funcional, com a finalidade de impedir o esquecimento acerca de determinada experiência vivida. Monumentos, museus, bibliotecas são lugares de memória facilmente identificados, bem como fotografias, que se constituem como um arquivo indispensável para o historiador. Portanto, fotografias, como lugares de memória, servem como uma forma de apreendê-la, pois são apropriadas pela história como fonte:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que

eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (NORA, 1993, p. 13).

O Exército Brasileiro elenca como um de seus valores o civismo, por meio do culto das tradições históricas (cf. Estatuto dos Militares, art. 27, inciso II). A instituição se utiliza de variados recursos com a finalidade de rememoração de seus heróis nacionais, como formaturas, solenidades, textos alusivos, reverência aos patronos, etc. O ano de 2024 é marcado pelos 80 anos da entrada da FEB na 2ª Guerra Mundial. Nada mais apropriado do que refletir a respeito da construção do discurso a respeito das praças da FEB e de como o seu processo de heroicização pode refletir mais do que valores militares e espelhar o próprio jeito de ser, específico do brasileiro: a sua identidade.

## 2.2 A CONFIGURAÇÃO DOS HERÓIS NACIONAIS

Nos estudos de História, particularmente a militar, muito se ouve a respeito dos heróis nacionais, dos vultos e figuras que assumiram a liderança em eventos cruciais do nosso passado. As representações de heróis nacionais, muitas vezes, ao trazer a perspectiva da subjetividade para a História, acabam por configurar-se de maneira quase mítica, como se predestinados fossem. De acordo com Miceli (1988):

O culto aos heróis nacionais, em diferentes contextos e com interesses e fins diversos, esteve associado ao processo de recuperação de um passado comum glorioso. Um dos princípios básicos desse pensamento era o da ação individual em nome do coletivo, o do sacrifício em prol da nação (p. 23).

Roger Chartier defende que toda representação é baseada no interesse de alguém, pois são “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas que têm como objetivo a construção do mundo social e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua.” (1990, p. 26), ou seja, são culturalmente determinadas e passíveis de diferentes interpretações. Sendo assim, é necessário “identificar o modo como em

diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

É notório que “dada época cria seus heróis e lhes atribui, quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores. O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva” (DOSSE, 2009, p. 152). Heróis são, portanto, fruto de uma consciência coletiva e um instrumento fundamental para a construção da identidade nacional. A ideia de representações coletivas não é neutra, pois permite avaliar a construção que um indivíduo faz de si e do grupo em que se insere, e a representação é uma força que atrai aquilo que se *mostra* com o que se *pretende* dar como significado, em uma realidade que não pode ser dissimulada. O herói é construído a partir das necessidades de uma época, e evoca, por meio de sua imagem as virtudes que devem ser reproduzidas. Principalmente em momentos de crise, o herói é uma solução ou um refúgio.

Segundo Enders, os heróis nacionais que se distinguiram pela honra passaram a personificar a nação, pois havia “uma ambição pedagógica, pois o que se acompanhava, por meio destes relatos, não era a evolução do caráter do herói, mas antes a maneira como suas virtudes eram postas à prova em diferentes momentos” (2014, p. 84). Os heróis de guerra, especificamente, sendo subprodutos de um período de crise e barbárie, podem ser analisados a partir de dois aspectos: o da cultura escrita e o da memória iconográfica, dois suportes que articulam diferentes estilos de heroísmo.

No primeiro caso, da cultura escrita, a lógica predominante era da guerra-nobreza-honra, que tornavam conhecidos os feitos *individuais* daquele cujas ações colocavam-no em destaque e o distinguiam. Já no segundo caso, da memória iconográfica, há outros elementos que não costumam estar presentes na representação escrita - e literalizada, digamos assim - do herói: a) a performance, quer seja numa foto posada quer seja numa foto espontânea, e b) a possibilidade de uma figuração da coletividade, ainda que essa ideia do “grupo de heróis” não seja aprofundada na fotografia, que muitas vezes traz rostos anônimos sobre os quais não se construiu uma memória de fato. A fotografia, portanto, por trazer a ideia da eternização de um momento fugaz, traz consigo elementos que a cultura escrita costuma relegar a segundo plano, permitindo a construção de uma imagem heroica não tradicional, sem (ou com menos) artificialismos.

Os personagens elencados como heróis em determinada época são representantes de tradições e valores que se querem incutir na sociedade. Kantorowicz (1998) defende ainda que os heróis são dotados de dois corpos:

um corpo físico, do qual restam partes, objetos utilizados em vida, roupas, etc, que representam uma tentativa de torná-los presentes; e um corpo simbólico, uma narrativa que eles mesmos ajudam a construir, ainda que de maneira inconsciente. Corpo físico e corpo simbólico do herói não existem, portanto, contemporaneamente, e a fotografia transita entre um e outro, pois é uma forma de eternização de uma imagem associada a um momento. Tamanha se faz a importância de se reviver os corpos simbólicos dos heróis por meio de datas comemorativas, solenidades, enfim, o culto aos seus feitos, decisivo para torná-los vivos novamente na atualidade; do contrário, serão fadados ao esquecimento:

Os heróis são uma espécie de arquétipo que ilustra virtudes públicas. Por essa razão, eles encarnam os ideais nacionais, que são exatamente os motivos de sua comemoração e exaltação e torna-se um dos símbolos do Estado ou das comunidades. Disso, ressaltam as duas principais finalidades em consagrá-lo: servir de referencial moral para avaliar e dirigir condutas e também contribuir para (in)definir a Nação que simbolizam, [...] cujo processo de construção é contínuo e inconcluso (DANTAS, 2019, p. 572-573).

Os heróis, portanto, “originam-se de uma necessidade coletiva ou correspondem a um modelo de comportamento coletivamente valorizado” (CARVALHO, 2003, p. 55). Ao inserir a discussão a respeito do resgate da memória do homem comum, da redimensão necessária à figura do herói, torna-se necessário “identificar aquilo que particularizava nossa cultura, o que fora, mais à frente, denominado de brasilidade” (GONTIJO, 2007, p. 22).

### 2.3 O JEITINHO BRASILEIRO: O PARADOXO DO SOLDADO EM MEIO À GUERRA

Na obra *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda introduziu o conceito do brasileiro como “homem cordial”. A cordialidade brasileira referia-se à generosidade, à hospitalidade, ou mesmo “uma vitória do espírito sobre a vida, onde por trás de uma máscara, o sujeito mantém sua supremacia frente ao cotidiano” (PRADO, 2016, p. 8). Tal expressão já recebera muitas críticas, mas é uma das bases do arquétipo do “jeitinho brasileiro”.

Segundo Roberto DaMatta (1984), o jeitinho é um modo de relacionar desconfortos pessoais com situações impessoais ou coletivas, “um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando” (p.

99). Trata-se de uma estratégia para resolução de problemas, uma relativa quebra das convenções sociais e o “uso de simpatia para evitar conflitos” (PRADO, 2016, p. 14). José de Arimatheia, ao dissertar a respeito do “jeitinho brasileiro” na 2ª Guerra, associa esta característica cultural às práticas de compartilhamento, ao caráter imbuído de generosidade e ausência de discriminação racial por parte dos soldados brasileiros:

Um dos detalhes que chamou a atenção entre as tropas aliadas, [...] é que entre os soldados brasileiros não havia segregação racial, bem ao contrário dos outros países. Sim, houve episódios isolados. Mas nos outros era visível, “institucionalizado”, comenta Francisco Ferraz. Até bolsas de sangue eram diferentes para soldados brancos e negros. Os brasileiros comiam juntos, dormiam juntos, o que espantava os estrangeiros. Outro ponto observado é que os brasileiros compartilhavam rações e alguns outros recursos com a população vítima da guerra, o que os outros não faziam (ARIMATHEIA, 2023).

A imagem de afabilidade e a aparente leveza do brasileiro são discursos que se sustentam até os dias de hoje na construção de nossa identidade. A dita “commodity cultural”<sup>1</sup> associada à festividade, acabou acarretando a ideia de que o brasileiro possui falta de afinidade ao combate, pensamento que permeava a intelectualidade do período,<sup>2</sup> o que fez com que muitos acreditassem que o Brasil não tinha condições de participar ativamente na 2ª Guerra Mundial. Criou-se o “imaginário de equalização dos conflitos, tomando o país por uma gigantesca caldeira onde diferenças se fundem” (D’OLIVEIRA, 2011, p. X).

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO**

O presente trabalho tem como contexto o legado da atuação das praças brasileiras na FEB, 80 anos após o fim da 2ª Guerra Mundial, representado por meio de registros fotográficos. O trabalho será dividido da seguinte maneira: a) discussão acerca das novas perspectivas em voga no estudo de história, como a Nova História de Jacques Le Goff e a micro-história ou história dos vencidos proposta por Walter Benjamin; b) debate sobre os modos de caracterização de heróis e a maneira como o discurso histórico se apropriou destes para narração

---

1 Conceito abordado por Theodor Adorno e Horkheimer em *Dialética do esclarecimento* (1985).

2 Cf. SCHWARCZ & STARLING: *Brasil, uma biografia* (2015).

dos fatos; c) análise do paradoxo existente na fabricação da imagem a respeito do soldado brasileiro, o qual, em meio à guerra, utiliza-se do humor e do “jeitinho” que o singulariza.

### 3.2 AMOSTRA

A pesquisa abordará a construção da figura da praça por meio de cinco registros fotográficos, um dos quais publicado em um livro de história adotado em oito dos catorze Colégios Militares do Brasil. Tais registros contêm uma perspectiva diferente do discurso tradicional histórico, pois focalizam o lado humano, alegre e espontâneo dos militares retratados, culminando em uma representação paradoxal do “jeitinho brasileiro” em meio à guerra.

### 3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O presente trabalho orienta-se pelo método histórico, pois foca em investigar processos do passado para analisar sua influência no presente. Quanto à natureza da pesquisa, é básica, pois não há aplicação prática prevista. Quanto aos objetivos, a pesquisa é de tipo descritiva, pois tem a intenção de descrever o fenômeno da construção do herói brasileiro na 2ª Guerra, estabelecendo relações entre as suas variáveis, o herói tradicional e o paradoxo do soldado da FEB. Quanto à abordagem do problema, a pesquisa será de tipo qualitativa, com o objetivo de interpretar fenômenos, atribuindo-lhe significados que não podem ser analisados de maneira quantitativa.

#### **3.3.1 Procedimentos para revisão da literatura**

Foi realizada a análise e discussão a respeito de fotografias relacionadas às representações do cotidiano das praças que atuaram na FEB. Realizou-se também coleta de material bibliográfico a respeito da construção de heróis nacionais, da nova visão a respeito dos estudos de história e da construção de seu discurso, bem como do que caracteriza o jeito de ser do brasileiro, e qual a relação desse estereótipo com os heróis da FEB.

#### **3.3.2 Procedimentos Metodológicos**

Optou-se por: a) priorizar a representação da praça brasileira porque a composição da FEB, em sua maioria, era de praças; b) aderir à pesquisa de caráter bibliográfico e documental, tendo como instrumento de análise



fotografias, devido à natureza do tema; c) discutir a constituição dos heróis nacionais, introduzindo a problemática da praça como paradoxo das representações tradicionais, unindo o humor ao cotidiano da guerra.

### **3.3.3 Instrumentos**

Como instrumento de análise, optou-se pelos registros fotográficos, os quais possuem um aspecto em comum: a presença do humor em meio à guerra, o qual se constitui como um paradoxo com relação às representações tradicionais dos heróis. Surgiu, então, o desejo de resgatar estas memórias, analisar a permanência do sorriso, do humor, da música, e a aparente leveza com que foi retratado o soldado brasileiro da FEB nessas fotografias, a fim de identificar os valores que podem ser apreendidos por meio da recuperação de suas histórias.

### **3.3.4 Análise dos Dados**

Com base nos procedimentos técnicos adotados, a pesquisa será de caráter bibliográfico, baseada em artigos científicos e reportagens publicados no âmbito militar e no meio civil, e de caráter documental, uma vez que seu principal instrumento de análise são fotografias.

## **4. RESULTADOS**

Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (2003), ao dissertar acerca da brasilidade, defende que tal conceito se mistura ao da tropicalidade: ambas associadas a um comportamento informal, à exuberância por meio do corpo e da linguagem. O corpo é um meio de comunicação, e por meio dele também se articulam imagens e ideias sobre as quais nos cabe refletir. Uma delas é a presença ou recorrência do riso. Segundo Henri Bergson (2007), o riso possui a função de relaxar a tensão social. O humor apresenta-se como modo de subversão ou como representação de padrões de uma identidade não necessariamente subversiva.

Concernente à ideia do humor como subversão, pode-se associar facilmente à representação do brasileiro como malandro, como anti-herói, aquele que contorna as regras e as burla, como podemos encontrar em textos como *Memórias de um sargento de milícias* e *Macunaíma*, por exemplo. Porém, o presente trabalho pretende defender a ideia de que nem sempre o

humor brasileiro tem intenções de ser subversivo. Traz-se para essa discussão, portanto, o humor associado à representação de padrões de identidade. Bergson defende que o humor se instala mais facilmente em momentos de crise, ou seja, na guerra, o riso apresenta-se como libertação, seja com a intenção de fuga da realidade, seja como uma forma de portar-se criticamente - porém sem implicar ações de revolta - em relação às situações vividas.

Para Henri Bergson, a comicidade e o riso são respostas à necessidade de refletir sobre a coletividade. Paradoxalmente, ri-se do aspecto mecânico do homem – sua tentativa de adequar-se à sociedade – ao mesmo tempo que se ri do seu aspecto maleável – as individualidades que se sobressaem:

O rígido, o estereotipado, o mecânico, por oposição ao flexível, ao mutável, ao vivo, a distração por oposição à atividade livre, eis em suma o que o riso ressaltava e gostaria de corrigir. Em outras palavras, o rígido, o mecânico, o estereotipado são categorias que definem o homem como coisa, isto é, como marionete ou fantoche onde não há reflexão sobre essa condição pelo homem de modo que esse não utiliza sua flexibilidade, sua maleabilidade para viver bem, pois, para Bergson, não basta só viver, mas, viver bem (SANTOS, 2016, p. 17).

Note-se que os jornais brasileiros do período da guerra, ao mesmo tempo que ressaltavam qualidades de bravura e determinação das praças da FEB, anunciavam também marchinhas e sambas produzidos em homenagem aos combatentes:



**Testemunha da bravura dos combatentes da FEB**

**O general Gaspar Dutra elogia, com entusiasmo, os soldados expedicionários — Sessenta e oito alemães aprisionados até meados de outubro**

Regressando ao Brasil, depois de inspecionar o teatro de operações da Itália, o ministro da Guerra baixou um aviso, em que faz minucioso relato da ação heróica da F. E. B., elogiando, com entusiasmo, os oficiais superiores e seus comandados. Dando conhecimento na Exército das suas observações no território italiano, menciona o general Eurico Gaspar Dutra as diversas fases das operações realizadas pela F. E. B., inclusive o ataque à Linha Gótica, declarando que, até o dia 10 de outubro, a F. E. B. aprisionara 68 alemães. Referiu-se ainda S. Ex. à confortadora impressão que lhe deixaram chefes, oficiais, soldados e enfermeiras da FEB que com patriotismo, bravura e forte espírito militar vêm, sem cessar, conquistando para o Brasil, na Itália, o respeito e o reconhecimento dos nossos valerosos aliados e do próprio povo italiano.

**Surgiu a primeira marcha: "A cobra está fumando"**

Acaba de ser gravada em disco a primeira marcha carnavalesca, inspirada no motivo "A cobra está fumando", de autoria dos Srs. Elpidio Viana e Pereira do Carmo. A nova marcha foi gravada com acompanhamento do conjunto de Benedito Lacerda e, dentro de breves dias, segundo os seus autores declarando a O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, será entregue aos estabelecimentos de música.

Figura 6: O Globo Expedicionário.

Fonte: [https://memoria.bn.gov.br/pdf/177415/per177415\\_1944\\_00009.pdf](https://memoria.bn.gov.br/pdf/177415/per177415_1944_00009.pdf)

Por sua vez, os livros de História podem se configurar como uma relevante fonte para problematização, especialmente porque são os principais responsáveis pela transmissão dos conhecimentos aos jovens, em uma fase primordial para a consolidação de seus valores: o período da educação escolar.

Para Fonseca, os livros didáticos de história são os responsáveis pela permanência de discursos fundadores da nacionalidade, sendo “fundamental, portanto, discutir as suas dimensões como lugar de memória e como formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como ‘versões autorizadas’ da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum” (2003, p. 73). Um dos instrumentos da presente pesquisa é o livro didático *História, Sociedade & Cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior, utilizado em oito<sup>1</sup> dos catorze Colégios Militares do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). O conteúdo a respeito da 2ª Guerra Mundial está presente no volume que corresponde ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nele, há uma referência à atuação dos soldados brasileiros da FEB, conforme segue:

## PARA SABER MAIS

### O Brasil na guerra

No início da guerra, o então presidente Getúlio Vargas, um político hábil e acostumado a tirar proveito das situações de conflito, manteve o Brasil neutro e conservou relações comerciais tanto com os alemães quanto com os estadunidenses. Aos poucos, no entanto, foi se tornando cada vez mais difícil, para o Brasil, manter a neutralidade.

Em maio de 1941, o Brasil conseguiu que os Estados Unidos se comprometessem a financiar parte da construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda (RJ), essencial ao crescimento da economia brasileira. Em troca, o Brasil daria permissão para que os Estados Unidos instalassem bases aeronavais no Nordeste.

Em janeiro de 1942, o Brasil de Vargas declarou-se a favor de uma união das Américas contra o Eixo. O governo da Alemanha reagiu, mandando seus submarinos torpedearem seis navios mercantes brasileiros, causando a morte de centenas de pessoas. Inconformados com a violência nazista, milhares de brasileiros saíram às ruas nas principais cidades do país, exigindo que o Brasil entrasse na guerra ao lado dos Aliados.

As pressões populares e do governo estadunidense fizeram que Vargas declarasse guerra ao Eixo em 22 de agosto de 1942. Para lutar contra os fascismos, o Brasil treinou e enviou para a Itália a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Formada por 25 334 homens e comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, a FEB venceu batalhas importantes, como as de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese. Morreram, na Itália, 457 soldados da FEB, e milhares ficaram feridos.

<sup>1</sup> Colégio Militar de Manaus, Colégio Militar de Belém, Colégio Militar de Recife, Colégio Militar de Campo Grande, Colégio Militar de Brasília, Colégio Militar de Curitiba, Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Militar de Santa Maria.

Associada ao texto, há uma única imagem, que se destaca por apresentar um contexto de despedida associada a uma leveza de comportamento, ao sorriso, que não seriam esperados em tal momento.



Figura 1: Pracinha despedindo-se do filho antes da partida para a guerra.  
Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2022, p. 150

Embora retirado de um livro de História, nada impede que docentes de quaisquer disciplinas, no esteio da interdisciplinaridade, utilizem-se de textos e imagens que refletem sobre a atuação do Brasil na 2ª Guerra, e sobre a FEB, especificamente. O maior desafio não está “na identificação dos brasileiros com esses ‘grandes’ heróis, e sim na sua necessidade de se identificarem consigo mesmos, aprendendo a pensar que essa ‘comunidade imaginada’ denominada Brasil é composta pela diversidade cultural” (DOURADO; RIBEIRO, 2022, p. 24). Trata-se, portanto, de fazer com que os discentes se identifiquem com os ditos homens comuns. Desta forma, é possível redimensionar o estatuto do herói brasileiro e perceber que as narrativas de guerra “constituem histórias dos homens que fizeram a guerra, da guerra que esses homens fizeram, e do que a guerra fez desses homens”<sup>3</sup> (HYNES, 1998: 283-285).

As informações sobre as praças brasileiras envolvidas na 2ª Guerra Mundial encontram-se dispersas em variados veículos. Durante a construção do Projeto de Pesquisa, os autores encontraram uma matéria intitulada “20 fotos raras da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial”. Os autores coletaram cinco fotografias que retratavam praças que atuaram na FEB, e sobre as quais pouca informação havia. Destaca-se a fotografia abaixo:

<sup>3</sup> Traduzido de *The Soldier's Tale: Bearing Witness to Modern War*.



Figura 2: Fotos raras do Brasil na Segunda Guerra.

Fonte: <https://www.historiaillustrada.com.br/2014/04/fotos-raras-brasil-na-segunda-guerra.html>

Surgiu a curiosidade a respeito de quem seria o militar em questão: trata-se do soldado Francisco de Paula,<sup>4</sup> responsável pelo primeiro tiro de Artilharia da FEB. O sorriso estampado em seu rosto, assim como a frase, lema da FEB, estampada no obuseiro, traduzem a intenção de zombaria da descrença praticamente generalizada a respeito da participação do Brasil na guerra. Tal momento foi reencenado, inclusive, em 2023, por militares do 28º Grupo de Artilharia de Campanha em Nova Veneza-SC:



Figura 3: Reencenando o primeiro tiro de Artilharia da FEB.

Fonte: <https://www.sociedademilitar.com.br/2023/09/memoria-viva-reencenando-o-1o-tiro-da-artilharia-da-feb-na-segunda-guerra-mundial-cvc.html>

Já as três fotografias a seguir apresentam o modo particular com que o

<sup>4</sup> Ilustração existente na página 27 do livro "Brazilian Expeditionary Force in World War II", de César Campiani Maximiano e Ricardo Bonalume..



brasileiro lida com as dificuldades, em que o humor (Figura 4), a música (Figura 6) e a galhofa (Figura 5) transparecem como solução para a amenização das tensões, para camuflar o ambiente de barbárie ou mesmo uma forma de resistência.



Figura 4: Soldado brasileiro e nazista rendido.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/sangue-suor-e-gelo-a-campanha-dos-brasileiros-na-segunda-guerra.phtml>



Figura 5: Brasileiros mandam recado para Hitler.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/sangue-suor-e-gelo-a-campanha-dos-brasileiros-na-segunda-guerra.phtml>



Figura 6: Samba nascido na campanha.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43398292>

De que maneira as pracinhas que atuaram na FEB personificam o ideal nacional? Diferente da representação tradicional do herói, associada ao mártir, ou ao sacrifício, as pracinhas da FEB figuram tipos com os quais os alunos de estabelecimentos de ensino militares poderiam identificar-se com facilidade e, ao mesmo tempo, apreender os valores de resiliência, equilíbrio emocional, autoconfiança e espírito de corpo, dentre outros.

Os homens da FEB, como mostram as fotografias analisadas, são representados sob a égide do bom-humor e da camaradagem. Poucos acreditavam que os brasileiros partiriam para a Itália para combater o nazifascismo; não se acreditava sequer na capacidade física dos soldados brasileiros, sendo assim, a própria escolha do lema da FEB – A cobra vai fumar – por si só representa um discurso que se construiu por meio de galhofa, sendo essa vista como uma forma de resistência às adversidade e de crítica à realidade vivida. E se a galhofa, o riso, o humor, parecem estranhos ao cenário da guerra, esses conceitos são muito bem articulados na figura do soldado combatente da FEB. Ao resgatar a memória das praças brasileiras, “sai o nevoeiro da mística e da celebração dos heróis nacionais e entra em cena o exercício reflexivo e crítico sobre a ação social de indivíduos, grupos ou classes sociais, por vezes, à margem das páginas dos livros didáticos de História” (QUEIROZ; RIBEIRO, 2020, p. 88).

## 5. CONCLUSÃO

Há extensa produção bibliográfica a respeito da atuação dos brasileiros na 2ª Guerra Mundial, porém, há uma demanda crescente a respeito da valorização das praças, tanto nas publicações militares quanto civis. Pelo menos 25.000 militares combateram na Itália em nome da nação, e o resgate da memória de alguns deles, consoante à proposta do presente trabalho, pode alimentar qualitativamente a história militar brasileira. Espera-se, com esta pesquisa, romper com a ideia tradicional a respeito do herói nacional, investigando as particularidades do jeitinho brasileiro e do humor como estratégia de enfrentamento das adversidades. Nos Colégios Militares, onde os autores deste projeto provavelmente atuarão profissionalmente, a reflexão sobre o ensino de História e da transmissão dos valores militares cresce de importância. O destaque a esse assunto deve ser ampliado, especialmente nos CMs, que possuem, dentre muitas de suas atribuições, a missão de despertar no aluno o desejo de servir à Pátria. Além disso, o tema converge com o Projeto Pedagógico, o Projeto Valores e a própria visão de futuro dos Colégios Militares, que se propõem a formar os líderes do amanhã, de acordo com os valores do Exército Brasileiro.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARIMATHEIA, José de. **Um jeitinho brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <https://operobal.uel.br/jornal-noticia/2023/07/12/um-jeitinho-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial/>

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Organizado por Rolf Tiedemann e Willi Bolle. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2007.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. 2ª Ed. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, Sociedade & Cidadania**. 9º ano. São Paulo: FTD, 2022, 5. ed. ISBN: 9788596037235.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DANTAS, Fabiana Santos. **A saga legislativa dos heróis e heroínas brasileiros**. Revista Jurídica da Presidência Brasília. v. 22, n. 128, 2020.

D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes. **Humor e identidade: brasilidade em Laerte e Maurício**. Revista USP, 2011, n. 88, p. 60-72.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

DOURADO, Nileide Souza; RIBEIRO, Renilson Rosa. **A biografia-monumento do Marechal Rondon: as representações de um herói nacional/regional entre as tramas da memória e ensino de História**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 14, n. 37, e0202, dez. 2022.

ENDERS, A. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: FGV, 2014

FERREIRA, TC R1 Maristela da Silva. **“Salve bravos soldados da FEB. Salve heróis, filhos bons do Brasil”**. In: Cadernos de Liderança Militar/Departamento de Educação e Cultura do Exército – vol. 2, n.1 (2023) – Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2022. p. 23-34. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/00604542756957a88c753>

FONSECA, Thais. N. L. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: os cacos da história**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

GONTIJO, R. **Manoel Bomfim, 'pensador da história' na primeira república**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 129-154, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O homem cordial**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

HYNES, Samuel. **The Soldier's Tale: Bearing Witness to Modern War**. New York, Penguin Books, 1998.

KANTOROWICZ, Ernst. **Os dois corpos do rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACHADO, Maj R1 Elton Licério Rodrigues. **"Max Wolf filho: um exemplo, um líder, um sargento da FEB"**. In: Cadernos de Liderança Militar/Departamento de Educação e Cultura do Exército – vol. 1, n.2 (2022) – Rio de Janeiro: DECEX, 2022. p. 37-50. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CLM/issue/view/1449/294>

MICELI, P. C. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>

PRADO, Alyssa Magalhães. **O jeitinho brasileiro: uma revisão bibliográfica**. In: Horizonte Científico. UFU, v. 10. n.1, agosto de 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/33308#:~:text=O%20jeitinho%20brasileiro%20%C3%A9%20uma,e%20desenvolvimentos%20dentro%20da%20literatura>.

QUEIROZ, Letícia Antônia de Queiroz e RIBEIRO, Renilson Rosa. **Por um ensino de história indígena em Mato Grosso**. In: História & Ensino, Londrina, v.26, n.1, jan./jun. 2020. p. 78-112.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.